

Desindexar o descrédito, expurgando a incompetência

MAURO CHAVES

A questão é simplesmente esta: um doente internado num hospital, em estado grave — ou já quase moribundo —, não tendo a mínima confiança na direção desse hospital, muito menos nos seus médicos e enfermeiros, por acaso acreditará nos remédios que estes lhe administrem? Que sensação terá ele quando o “do-no” do hospital chega de repente em seu quarto, abre a porta, diz apenas “vai doer”, fecha a porta e vai embora sem maiores esclarecimentos — por exemplo “quanto”, “onde” e “por quanto tempo” vai doer, se haverá cura ou já está desenganado? E o que sentirá quando os médicos e enfermeiros lhe forem injetando montes de drogas (às vezes lhe recitando suas incompreensíveis fórmulas, é verdade), mas ressaltando que estas não poderão fazer efeito se o paciente não se submeter a uma outra mais violenta, que hesitam em ministrar-lhe porque pode doer demais? E que por isso só lhe aplicarão esse indispensável tratamento com sua autorização expressa — coisa que jamais lhe pediram desde a internação, em todos os outros pacotes de medicamentos lhe impingidos desde que, de há muito, se tornou enfermo, por moléstia contrária — com absoluta certeza — nesse mesmo hospital, do qual tanto desconfia, cuja direção e equipes jamais escolheu?

Vem-nos esta imagem também ao percebermos, com perplexidade, que de repente o Brasil inteiro estava para discutir o advento de um antídoto milagroso, uma santa vacina contra o veneno responsável por todos os nossos males sócio-econômicos: o antídoto chama-se desindexação (droga fantástica de que há meses, talvez dias, não se tinha qualquer notícia), a qual, combinada com outro fantástico ingrediente químico-econômico chamado expurgo, é alardeada como salvação fulminante da Nação brasileira, ante a causa maior de sua desgraça agora descoberta, cujo nome é este palavra: indexação!

O doente — obviamente a sociedade brasileira — submetido a um hospital — obviamente o governo — que jamais escolheu; vendo que seu estado piora a cada dia, assim como é sucessivamente enganado por misticismos antes dementidas e feitas logo após, de supetão — sem nenhum resultado positivo, muito pelo contrário; se jamais foi consultado, jamais foi pedida sua aquiescência para a aplicação de que rito de droga fosse, o que pensará quando lhe informam que a panacéia, essa droga de efeitos tão salutares quanto dolorosos, que é a desindexação, precisa agora de seu consentimento para adentrar-lhe as veias?

Se esse sofrido paciente — em sua mais que sofrida impaciência — pudesse, de fato, após a ingestão de tantas drogas que ao invés de alívio só lhe ocasionaram mais dor; ao invés de cura só lhe causaram intoxicação; e de tantos alimentos que só o levaram à inanção — assim como os “serviços” e o “tratamento” só o conduziram à exasperação — se ele pudesse de fato, dizíamos, decidir sobre seu próprio tratamento, a primeira coisa que faria seria mudar a direção do hospital, ou, pelo menos, seus médicos e enfermeiros. Não teria cabimento ele decidir apenas quanto a uma das drogas — o tal antídoto “desindexante” e não quanto ao modelo global de tratamento lhe impingido por pessoas em relação às quais nutre um mais que

absoluto descrédito, a ponto de, em meio a tantas misteriosas injeções que lhe picam as veias na calada da noite, não saber se, numa delas, estará ou não contida uma traiçoeira eutanásia.

Na verdade, este conceito econômico indexação foi hábilmente lançado a debate pelo governo — e incrivelmente aceito por amplos setores da sociedade — para elidir de si mesmo, como que num passe de mágica, toda a responsabilidade pelo que estamos passando. Criou-se ao mesmo tempo um “bode expiatório” e seu respectivo “antibode” salvador, fazendo-se com que a sociedade (e não o governo) se responsabilizasse por ambos. Se “o sistema hoje está extremamente indexado”, como diz o sábio “médico” Galvêas (mas não confundir os discípulos de Hipócrates com os simplesmente hipócritas), de quem é a óbvia culpa? Não é dos que a cada ano juram que a inflação vai cair e só a fazem subir assustadoramente? Que efeitos tão nocivos haveriam de ter os reajustes monetários, caso de há muito não estivéssemos sob uma inflação galopante que em hipótese alguma é apenas destes conseqüente?

Muito mais que a Economia, outras coisas estão extremamente indexadas neste país, a começar pelo descrédito deste governo — e em especial dos ministros da área econômica — que corre mais célere, se reajusta e atualiza mais do que qualquer correção monetária. Que pacote algum venha a surtir efeito sem a desindexação concordamos, conquanto por isso se entenda a prelinhar desindexação do descrédito, que só será obtida por meio de um determinado expurgo, a saber: o expurgo dos incompetentes que insistem em administrar sem saberem administrar, insistem em dirigir sem saberem dirigir, insistem em curar sem saberem curar, neste caótico Hospital que mais parece um manicômio comandado megalomanticamente por seus próprios “napoleões” internos.

O grande problema, em suma, deste já quase moribundo Brasil, é que seus irresponsáveis “médicos” erram, erram, erram, e continuam errando sem parar, sem que por isso venham a ser jamais substituídos; seus remédios só fazem piorar a saúde de cada vez mais, por mais “salvadores” que pretendam ser (pois não é que a inflação deste mês de junho, segundo a FGV, chegará de 13% a 15%, assim como o valor dos títulos protestados, em São Paulo, subiu 217,9% em um ano?). Em qualquer país civilizado — e democrático — do mundo, após um fracasso governamental, os governantes vêm a público, com o maior constrangimento, com a maior vergonha, e às vezes até renunciavam chorando (lembram-se do chanceler inglês lorde Carrington, após a inesperada invasão das Falklands/Malvinas feita pelo celeiro Galtieri?). Ao contrário, aqui vêm a público os governantes, após seus próprios fracassos, sem nenhum constrangimento, mas com a maior arrogância, para cobrar a sociedade e, pior, ameaça-la de situações ainda piores. Pior ainda: este é o único lugar do mundo onde um governante-mor (obviamente responsável pelo fracasso-mor), em vez de afirmar que deixará seu cargo se a situação piorar (para dar lugar a alguém mais capaz de resolver tal situação), afiança, pelo contrário, que nesta hipótese — e apenas nesta — concordará em “reeleger-se”... Que julguem os leitores: vale ou não a analogia com o manicômio?